



Sikora, Piotr | 30.04.2007

Judaísmo Aberto às Religiões das Nações

por Piotr Sikora

professor assistente da Academia Pontifícia de Teologia em Cracóvia, Polônia

Um teólogo polonês lê um pluralista judaico americano

Harold Kasimow, *The Search Will Make You Free: A Jewish Dialogue with World Religions* [A Pesquisa Te Libertará: Um Diálogo Judaico com Religiões Mundiais]. Wydawnictwo WAM, Cracóvia, 2006

Quando recentemente admiti ter despachado um papel sobre diálogo inter-religioso num simpósio teológico, um presbítero católico, tomando parte na conversa, perguntou com ironia: “Há alguém que queria ter diálogo conosco?” A pergunta era entendida para sugerir que, enquanto cristãos têm empreendido um monte de debates sobre diálogo religioso e atividade baseadas em diálogo, pessoas de outras religiões não eram ansiosas de agir assim.

Não sei de qualquer pesquisa no grau de cometimento de religiões várias para diálogo religioso, mas não é verdade que cristãos não possam encontrar parceiros para esse. Os exemplos são numerosos. Aqui está um deles. Acabo por ler justamente um livro por um judeu americano que está muito envolvido na prática de diálogo inter-religioso, refletindo também sobre isso. É uma coleção de dez artigos referentes ao Judaísmo em diálogo com religiões do mundo por Harold Kasimow, um estudante do rabi Abraham Joshua Heschel e professor do Grinnell College em Iowa.

O livro está intitulado *A Pesquisa Te Fará Livre*, o que é referência à palavras atribuídas a Jesus pelo autor do quarto evangelho: “A verdade te fará livre” (Jo 8,32). O título, muito inspirador sem dúvida, promete um pouco mais do que o livro oferece, este é um recorde da questão do autor, a qual está manifesta tanto nos assuntos como no arranjo dos ensaios no volume. Não nos é dado um estudo compreensivo do tópico numa forma completa sistemática; antes, estão-nos oferecidas intuições inspiradoras em ordem completamente solta. Também, entre os tópicos, não encontramos uma análise mais profunda da questão e da conexão desta com liberdade humana. Apesar disso, essa coleção contém um monte de material que possa ser interessante e – o que é mais importante – muito inspirador para cada um que se preocupar com diálogo inter-religioso.

O ensaio de Kasimow contém vários tópicos que, à primeira vista, não parecem inter-relacionados. No entanto, supondo-os, parece haver um princípio que organiza o pensar do autor. É a visão ética do Judaísmo (e de qualquer religião que merece o seu conceito), a qual deve, como ele mesmo diz, a sua educação no lar da sua família, aos seus estudos na yeshiva de Nova Iorque conexos com o Movimento Musar iniciado pelo rabi Israel Salanter no século 19 e finalizado a um auto-desenvolvimento ético, e ao seu mestre, o rabi Abraham J. Heschel.

A partir dessa perspectiva, religião nenhuma é fim em si. Antes, deve promover a formação dum humano, ajudando a ele ou a ela combinar a paixão de pesquisar para a verdade e a compaixão por todas as pessoas, já que, de acordo ao ensino de Heschel, o patos de compaixão é o atributo principal de Deus.

Tendo aceito esse ponto de vista, Kasimow postula necessidade de avaliar e re-interpretar tradições

religiosas, as quais, no decorrer de séculos eram, não só modos para paz e fontes para sarar o mundo, mas também modos para fanatismo, guerras e ódio.

Kasimow está convencido de que os aspectos negativos de religiões originaram nas suas reivindicações absolutistas e exclusivistas, isso é na convicção de que haja somente uma única religião verdadeira e um caminho único de salvação. Assim, por causa dos seus motivos profundamente éticos, Kasimow se declara ser um pluralista religioso judeu, alguém que argúi que Deus escolheu os judeus a andarem o caminho da Toráh, os cristãos a seguirem a Cristo, os hindus a serem guiados pelos Vedas e os muçulmanos para seguirem o modo mostrado pelo Corão.

Kasimow está ciente de que possa confrontar a avaliação teológica judaica prevaiente de outras religiões. Reconhece que relativamente poucos pensadores judaicos aceitam o desafio desse problema, mas sabe que a perspectiva tradicional dos seus crentes companheiros nesse assunto está antes exclusivista. Mesmo embora reconheça a salvação de pessoas observando os sete mandamentos dados a Noé, considera todas as religiões não-judaicas como falsas.

O empenho de Kasimow para justificar a sua posição pluralista em bases judaicas é muito interessante, podendo ser extremamente instrutivo para cristãos também, especialmente naquelas passagens às que se refere da Bíblia.

Há certa tensão entre cristãos que estão envolvidos em diálogo cristão-judaico, que enfatizam que a Cristandade está radicada na Aliança Sinaítica realçam o caráter único daquela Aliança e, de outro lado, cientistas envolvidos no diálogo com religiões da Ásia que radicalizam a tendência “paulina” proclamando que não só a circuncisão do corpo da gente não está necessária, mas também aquela da mente. Consideram os Vedas como cumprirem o papel da Bíblia Hebraica para os hindus. Assim, podemos aprender um monte de coisas dum judeu que não pensa que fidelidade à Aliança Sinaítica na parte de não-judeus seja causa para exclusão e depreciação das religiões das nações.

A justificação por Kasimow de pluralismo está baseada em três espécies de princípio: teológica (referindo-se à imagem de Deus), ética e epistemológica.

Tirar da tradição é também importante. Kasimow demonstra que, como pluralista, ele não está por si mesmo, que é possível encontrar rábis, em tempos tanto antigos como contemporâneos, que de algum modo reconhecem a validade das religiões das nações. A autoridade principal invocada por Kasimow é o rabi Abraham Joshua Heschel.

Segundo Kasimow, Heschel era um pluralista religioso da sua espécie. Baseado na mensagem ética da Bíblia, Heschel cria que Deus esteja tomando cuidado de cada humano sem deixar qualquer um para si mesmo. O cuidado de Deus almeja ao atingir da pessoa humana a plenitude da humanidade, santidade dele ou dela, chegando a ser *mensch* [pessoa humana]. Tais humanos estão sendo encontrados em todas as religiões. Assim, usando certos textos bíblicos e rabínicos, Heschel reconhece religiões não-judaicas como também conducentes a Deus, porque o que é o mais importante é, não as tuas convicções, mas sim que espécie de humano és.

Heschel não argüiu que todas as religiões fossem a mesma. Apreciava as diferenças (p.ex. mantinha que o ensinar de Moisés diferia totalmente do ensinar do Buda), mas mantinha a convicção de que devêssemos “imersão em doutrinas ou em teologia que dividisse a humanidade, mas sim em teologia de profundidade” – o ato de crer que tem a capacidade de nos unir.”

Kasimow aponta para o fato de que Heschel tem seguidores. Refere-se a rábis tanto conservativos como ortodoxos que reconhecem as religiões das nações como caminhos verdadeiros a Deus. A maioria dos autores que Kasimow cita baseia as suas visões em convicção de que o amor de Deus alcança qualquer um, sendo Ele infinitamente maior que as nossas concepções dEle, assim que será idolatria considerar qualquer entendimento de Deus como último. Argúi também que discrepâncias entre convicções religiosas possam ser explicadas num modo pelo caráter fragmentário do conhecimento de Deus pelo ser humano.

Além de um relato interessante do esforço de Kasimow para justificar uma visão positiva das religiões das nações, encontramos também os seus ensaios interessantes referentes a encontros específicos de Judaísmo com outras religiões, inclusive com o Hinduísmo, Budismo e o Islame. Kasimow não só crê que as religiões dos povos possam conduzir os seus seguidores a Deus, mas está também convencido de que os próprios judeus possam valer-se dessas tradições e, fazendo isso, enriquecer a fé judaica. Num modo particularmente intensivo, Kasimow se vale de religiões orientais, fazendo isso sem minimizar as diferenças sérias entre, por exemplo, Hinduísmo ou Budismo e Judaísmo. No entanto, mapeia precisamente as áreas da religiosidade judaica que possam ser enriquecidas no mais em encontros com sistemas religiosos asiáticos.

As reflexões de Kasimow sobre Cristandade devem fazer os cristãos pensarem um lote. Falando sobre Cristandade, focaliza João Paulo II. O papa o fascina, permanecendo um enigma para ele porque vê João Paulo II como o maior promotor de diálogo inter-religioso e, ao mesmo tempo, o maior missionário cristão do nosso tempo. Kasimow admira o cometimento prático do papa enquanto, ao mesmo tempo, critica as visões do papa. Kasimow tenta entender o inclusivismo do papa como atitude crescida no solo do exclusivismo cristão, o qual, segundo Kasimow, era atitude prevalecente cristã por séculos. As suas observações críticas se dirigem mais à visão do Budismo e do Islame pelo papa. Kasimow reivindica que as visões do papa dessas tradições foram influenciadas por ler os escritos de missionários cristãos nos começos dos séculos dezanove e vinte, antes de entender como creia que eles mesmos entendiam as suas religiões. Ao mesmo tempo, nota que o papa João Paulo II falou de religiões não-cristãs mais favorável e mais respeitosamente quando as encontrava e se dirigia a elas diretamente, do que quando exprimia os seus pensamentos em textos doutrinários mais gerais.

Avaliação tão crítica por testemunha imparcial, mesmo se cometida, deve ser uma advertência clara para nós, já que toma em consideração a autoridade de João Paulo II. Católicos, especialmente na Polônia, podem facilmente repetir os erros dele em contatos com outras religiões. De qualquer modo, João Paulo II não parece completamente ser uma exceção; é muito comum formular declarações sobre outros sem os ter escutado antes. O Concílio Vaticano Segundo falou sobre outras religiões, por exemplo, na declaração *Nostra Aetate*, mas não convidava os representantes daquelas religiões para dizerem quem eram e o que criam.

Naturalmente, o fato de que Kasimow não vê nada enriquecedor na doutrina cristã possa ser falta mais dele do que nossa. Pessoalmente, gostaria falar com ele sobre isso. Depois de tudo, haveria mais perguntas que lhe faria. Por exemplo os seus ensaios, que são interessantes e inspiram o pensar da gente, muitas vezes tratam assuntos superficialmente, ficando simplesmente convidar perguntas.

Por exemplo, que espécie de status epistemológico Kasimow atribui à sua declaração pluralista de que Deus escolheu os judeus para seguirem o caminho da Toráh, os cristãos a seguirem Cristo e os hindus a seguirem os Vedas? Essa declaração exprime verdade universal, obrigatória para todos também? Se assim, se pode dizer que, como coisa de fato, o pluralismo de Kasimow é um inclusivismo camuflado. Toma por certo que haja um Deus que escolha gente. Essa é crença que fará sentido somente nos solos de religiões bíblicas. Budistas e hindus não reconheciam a si mesmos na declaração. Essa é objeção similar ao que J. Hick encarou uma vez, o qual, tendo reconhecido a sua validade, deixou de usar o termo "Deus". Veio à conclusão de que a categoria dum Deus pessoal (o qual possa, por exemplo, escolher alguém para alguma coisa) seja justamente descrição dependente de perspectiva, culturalmente condicionada dum experiência fenomenológica de alguma coisa que em si mesma seja O Real, nem pessoal nem impessoal. É que Kasimow esteja inclinado a seguir Hick, ou tentaria resolver esse problema de outro modo? Como?

Há outro assunto conexo com esse problema. Kasimow enfatiza simultaneamente o seguinte: Primeiro, várias religiões contêm muitas diferenças irreduzíveis, tanto doutrinários como existenciais. Levam, entre outras coisas, a várias espécies de experiências. Aqui, Kasimow dá como exemplo a

sua própria experiência num serviço de Yom Kipur. Por isso, religiões muito diferentes são (ou, pelo menos, podem ser) caminhos para salvação. Nesse ponto, no entanto, a gente pode perguntar o que será aquela salvação, o objetivo que as diferentes religiões estão procurando? É que alguma das religiões o descreva num modo melhor? Será, por exemplo, união com Deus? Ou Extinção/Nirvana? O alvo de todas as religiões é um único? Então, como podemos explicar como aqui “na terra” as tradições, que interpretam o mundo tão diferentemente, conduzindo a experiências e modos tão muito variantes de vida, devam ultimamente conduzir pessoas à mesma meta? O que será a relação entre a experiência religiosa acessível nessa vida e o fim último transcendente? E ainda, as diferenças “pré-últimas” podem ser reduzíveis, pode ser possível identificar o “coração” comum de religião também a um estágio “pré-último”? (Tal solução está implicada no ensino de Heschel, referido por Kasimow com aprovação de que “precisamo-nos agora imergir ... em ‘teologia de profundidade’, entendido como o ato de crer que tenha a capacidade de nos unir”.) Mas talvez deveríamos ir na direção oposta admitindo – como, por exemplo – S. M. Heim o faz – que haja muitas metas últimas diferentes, muitas “salvações” às quais religiões diferentes guiam pessoas? Adotar essa solução elimina alguns problemas, tais como a dificuldade de reconciliar escatologias religiosas. Por exemplo, aquele que proclama salvação como união com Deus pessoal e aquele que proclama o caráter último de Nirvana. De outro lado, outros problemas aparecem então (p.ex. a dificuldade com provar a possibilidade de muitos fins últimos para as pessoas que têm uma única natureza humana). Há muitas questões tais, e há ainda mais perguntas possíveis. No entanto, estas não são feitas por Kasimow. Seria duro concluir da sua coleção de ensaios que respostas ele desse provavelmente.

Pode-se dizer, naturalmente, que a minha demanda para as respostas flua da minha superênfase no ter a verdade a custo da própria procura por ela. Defender-me-ia dizendo que cada resposta dada inspira novas perguntas. Perguntas ficarão conosco para sempre. Seremos pesquisadores até o fim das nossas vidas.

Texto [inglês](#)

Tradução: Pedro von Werden SJ, Rua Padre Remeter 108, Bairro Baú, 78.008-150 Cuiabá, MT, BRASIL
- pv-werden@uol.com.br